

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura

Baudelaire e as posteridades do moderno

organização

Jorge Fazenda Lourenço
Peter Hanenberg



Universidade Católica Editora

Índice

Apresentação	9
Allocution d'ouverture	11
<i>Jorge Fazenda Lourenço</i>	
A modernidade paradoxal de Baudelaire: o efêmero é o eterno	13
<i>Karl Heinz Bohrer</i>	
On Being Absolutely Modern (Cesário Verde and Baudelaire)	31
<i>Helena Carvalho Buescu</i>	
Da poética modernista da metrópole à literatura pós-moderna do urbano	41
<i>Helena Gonçalves da Silva</i>	
“À quelque chose malheur est bon...”. Notas sobre a perda da aura	61
<i>Maria Teresa Cruz</i>	
Shoes, Shoes, Shoes... Fetishism and Culture in Baudelaire and Walter Benjamin	73
<i>Isabel Capelo Gil</i>	
As alegorias da modernidade: o Baudelaire de Benjamin	99
<i>António Guerreiro</i>	
O ofício do poeta: esgrima e compaixão	107
<i>Maria Filomena Molder</i>	
À <i>une passante</i> : du “faire” moderne et du “traduire cela” chez Baudelaire	131
<i>Eric Dayre</i>	
Baudelaire e a pintura, depois de 1867	147
<i>Rui-Mário Gonçalves</i>	
O papel do poema <i>Correspondances</i> no teatro de vanguarda dos séculos XIX e XX	175
<i>Eugénia Vasques</i>	
A “noite escura da alma” – amor e desejo em Baudelaire	187
<i>Fernando Pinto do Amaral</i>	
Sobre os autores	199

Apresentação

Este volume reúne as comunicações ao Colóquio Internacional *Baudelaire e as posteridades do moderno*, realizado nos dias 12 e 13 de Novembro de 2007, na Faculdade de Ciências Humanas da UCP, organizado pelo seu Centro de Estudos de Comunicação e Cultura.

A comissão científica do colóquio foi formada por Isabel Capelo Gil, Jorge Fazenda Lourenço, Peter Hanenberg e Richard Trewinnard, que constituíram o núcleo de uma comissão organizadora a que se juntaram três assessores científicos do CECC, Catarina Duff Burnay, Inês Espada Vieira e João Chaves. Esta comissão contou ainda com a colaboração das colegas Alexandra Ambrósio Lopes, Maria dos Anjos Guincho e Nadia Gilardi.

Integrada por membros de diferentes linhas de investigação do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, a comissão científica do colóquio quis imprimir-lhe, desde o início, um carácter multidisciplinar. Carácter que, de facto, acabou por se reflectir nas contribuições dos oradores, oriundos de domínios como a literatura, o teatro, as artes visuais, as ciências da comunicação, os estudos de cultura, a filosofia e a teologia. A todos os participantes, nacionais e estrangeiros, a comissão organizadora agradece a sua disponibilidade e o alto contributo que deram a esta homenagem a Baudelaire, a qual, sob o pretexto comemorativo dos 150 anos da publicação de *Les Fleurs du mal* (1857), visava sobretudo levar a cabo uma inquirição sobre a actualidade do pensamento estético do poeta de *Correspondances* ou *À une passante* e do crítico de arte dos Salões de 1845, 1846 e 1859, ou da série de artigos de 1863, *Le Peintre de la vie moderne*, textos fundadores, entre alguns outros, daquilo a que Baudelaire chamou a modernidade. Modernidade esta em cuja posteridade a mediação de Walter Benjamin deixou marcas, bem visíveis em boa parte das leituras do poeta trazidas a este colóquio.

Aliás, o colóquio esteve não só preocupado com “as posteridades do moderno”, nos domínios da estética, da poesia ou da cultura, mas também com a posteridade de Baudelaire em Portugal, tendo por isso culminado com o lançamento editorial de uma nova tradução portuguesa de *Le Spleen de Paris (Petits Poèmes en prose)*, cuja apresentação esteve a cargo de Nuno Júdice,

a quem deixamos um vivo agradecimento, pela disponibilidade demonstrada e pela leitura atenta (e elogiosa) que fez da tradução, da autoria de Jorge Fazenda Lourenço, entretanto publicada por Relógio D'Água Editores na colecção de livros de bolso Biblioteca Editores Independentes.

A comissão organizadora agradece ainda ao Goethe Institut, ao Instituto Cervantes de Lisboa e ao Instituto Franco-Português o apoio disponibilizado para a realização deste evento científico, que contou também com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

As comunicações aqui reunidas falam as três línguas oficiais do colóquio (português, francês e inglês) e a sua ordenação está de acordo com a visão global que os organizadores destas actas se fizeram do acontecimento. A falta dos textos de dois participantes, Rafael Argullol Murgadas e José Tolentino Mendonça, que muito lamentamos, escapa à nossa responsabilidade ou à da editora.

J. F. L.

Allocution d'ouverture

JORGE FAZENDA LOURENÇO

En honneur de mon poète, je m'adresse à vous en français. C'est une toute petite provocation. Car la grande provocation consiste à avoir Baudelaire ici. Je prends évidemment le mot provocation dans son sens étymologique. Et, en effet, Baudelaire est la cause de notre rassemblement, parce que son œuvre nous incite à toujours réfléchir sur le moderne, ou plutôt sur une idée de modernité qu'il a lui-même inventé.

Je crois, au contraire de ce qu'on dit souvent, que la modernité, chez Baudelaire, n'est pas pensée comme une relation d'exclusion entre la tradition et le neuf. Pour lui, l'antiquité fait partie de la construction de la modernité. On dirait même que cette antiquité est une invention de la modernité, une condition nécessaire de son existence. La modernité, pour Baudelaire, est, donc, paradoxale; elle est le présent redéfini par une tension permanente entre le passé et l'avenir, le mouvement et le repos, le spleen et l'idéal.

Comme il a lui-même affirmé, "La modernité, c'est le transitoire, le fugitif, le contingent, la moitié de l'art, dont l'autre moitié est l'éternel et l'immuable". Cette dualité est au cœur même de la possibilité d'existence du poète nouveau. On ne peut pas penser la modernité de Baudelaire sans entendre ce qui le rattache à la tradition poétique. Sa modernité repose dans son antiquité, et c'est la tradition même qui déclare sa nouveauté.

Je dois beaucoup de ma compréhension de la poésie, de la littérature, de la condition humaine, et aussi de mon existence, à ce poète dont je déteste l'incurable misogynie et dont j'admire, parmi tant d'autres choses, le mélange particulier d'ironie et de compassion face aux malheurs du monde: les malheurs d'une humanité bien concrète, faite d'individus de chair et os. Et je pense, surtout, à ces exclus du progrès que Baudelaire met fréquemment en parallèle avec la figure du poète.

Ironie et compassion, voilà l'emblème, pour moi, des fleurs du mal, c'est-à-dire la capacité de résister par l'invention de la beauté du verbe à la détresse que l'on trouve dans le quotidien de la vie moderne. Alors, résister est un

acte de l'imagination poétique qui cherche à extraire des fleurs nouvelles du mal présent.

Je souhaite que l'on soit capable de trouver quelques-unes de ces fleurs dans ces deux jours de travail intellectuel. Soyez, donc, les bienvenus. Et merci à Baudelaire, le poète.